

Mitch Albom

Autor de *As cinco pessoas que você encontra no céu*

Pela segunda vez



*E se você pudesse viver cada momento
da sua vida de novo?*



SEXTANTE

Você não pode voltar e mudar o início, mas pode
começar onde está e mudar o final.

– C. S. LEWIS

PRÓLOGO

AGOSTO DE 1978

Estavam chamando de “a tempestade do ano”. Na cidade da Filadélfia, a chuva castigava a Market Street e o vento tinha quase a força de um furacão. Os ônibus passavam espirrando água das enormes poças, e trovões ribombavam no céu.

No meio desse caos apareceu de repente uma mulher, jovem, pouco menos de 20 anos. Seu cabelo denso, cor de carvão, esvoaçava loucamente em volta do rosto, cobrindo os olhos. Parecia confusa, como se a tempestade a tivesse pegado de surpresa.

Segurando a bolsa com força, ela abriu o fecho enquanto a chuva encharcava sua calça jeans, grudando-a nas pernas. Tirou de dentro um objeto pequeno, olhou para ele e, lentamente, guardou-o de volta.

Levantando a cabeça, viu a entrada da loja de departamentos Gimbels. Estreitou os olhos ao ver uma porta giratória e um rapaz atrás da vitrine, balançando os braços.

Sua respiração ficou presa no peito. Ela estremeceu ligeiramente e começou a andar na direção dele, firme, deliberadamente, como se já tivesse estado ali antes.

Um



NASSAU, BAHAMAS
QUARENTA ANOS DEPOIS

O detetive estalou a língua com impaciência e olhou para o senhor de cabelo grisalho debruçado do outro lado da mesa.

– Vamos, amigo. Como foi que você fez?

Silêncio.

– A gente pode ficar aqui o dia inteiro – continuou o detetive. – É isso que você quer? Ficar sentado aqui o dia inteiro?

Aquela salinha da delegacia era quente e precisava de pintura. A única mobília era uma mesa de madeira e as duas cadeiras. O detetive, Vincent LaPorta, abriu uma embalagem de balas, pegou a de cima, vermelho-cereja, e pôs na boca.

– Quer uma?

O senhor deu um risinho.

– Qual é a graça? – perguntou LaPorta.

– O nome.

– Life Savers? Salva-vidas?

– É.

– Queria que alguém viesse salvar sua vida agora?

– Minha vida já foi salva muitas vezes.

LaPorta esperou que o sujeito dissesse mais alguma coisa, mas ele apenas juntou as mãos e olhou para baixo, como se rezasse. Tinha o rosto bronzeado, a barba por fazer, a mandíbula bem definida. Talvez definida demais, como se tivesse emagrecido em

decorrência de uma doença. A camisa cor de mostarda e a calça azul-marinho estavam bastante amarrotadas, como se ele tivesse dormido com elas.

– Vamos repassar a acusação contra você – disse LaPorta. – Quem sabe ajude a reavivar sua memória.

Ele deslizou uma fotografia por cima da mesa.

– Numa única visita ao maior cassino da ilha, você acertou três números seguidos na roleta, ganhando mais de 2 milhões de dólares. Depois pegou suas coisas e foi embora.

– Isso é crime?

– Não, mas só porque ainda não conseguimos descobrir como você fez.

– Então não é crime?

– Olha, amigo. Meu trabalho é pegar trapaceiros no cassino. Faço isso há muito tempo. Em Las Vegas. Atlantic City. Agora aqui nas Bahamas. O que você fez não tem como ser feito sem violar a lei.

– Sei. – O suspeito assentiu, pensativo. – Posso fazer uma pergunta, detetive?

– Pode.

– Por que o senhor escolheu esse trabalho?

– Você é o quê? Psicólogo?

– Só estou curioso.

LaPorta deu um risinho.

– Digamos que eu não gosto de gente que viola regras.

– Ah, então o senhor iria me odiar.

LaPorta examinou o suspeito alto e magro, que usava um brinquinho na orelha esquerda e sapatos surrados sem meia. Supôs que ele teria pouco menos de 60 anos e não estava muito bem de vida. Nesse sentido, era como qualquer um que frequentava os cassinos da ilha. Mas a postura dele sob interrogatório era estranha. Normalmente os suspeitos ficavam nervosos, suavam,

respondiam depressa ou devagar demais. Aquele homem parecia quase *entediado*.

– Vamos lá. Diga logo como fez. Você tem algum contato lá dentro?

– Eu não cometi nenhum crime.

– Três números seguidos na roleta? Você não diria que isso é *suspeito*?

– A suspeita e a crença não podem dividir a mesma cama.

– O que isso quer dizer?

– Quer dizer que, se eu lhe contasse a verdade, o senhor precisaria aceitar uma coisa inaceitável.

– Experimente.

O suspeito semicerrou os olhos.

– Não.

– Você sabe que roubar num cassino pode mandá-lo para a cadeia?

– Sei.

– Por um bom tempo.

– O tempo não significa muito para mim.

– Por que não?

– É complicado.

LaPorta mastigou a bala.

– Quem é Gianna Rule?

A expressão do suspeito mudou. LaPorta se empertigou. *Agora sim. Continue nessa linha.*

– Você foi a um banco depois de ganhar o dinheiro e o transferiu para uma tal de Gianna Rule. Nós podemos encontrá-la. Trazê-la até aqui. Talvez acusá-la de cumplicidade. É isso que você quer?

O suspeito piscou. LaPorta se inclinou por cima da mesa.

– Como eu disse: experimente.

– Certo. – O suspeito soltou o ar com força. – Eu estava com uma bolsa quando vocês me pegaram.

– E?

– Vou precisar dela.

LaPorta pensou por um momento.

– Espere aí.

Em seguida se levantou e, trancando a porta depois de sair, foi até sua sala e pegou uma bolsa de couro desbotada. Voltou e a entregou ao suspeito, que enfiou a mão dentro dela e pegou um caderno de capa dura preto. Na etiqueta havia as seguintes palavras escritas à mão: *Para você, chefe. Só leia depois que eu morrer.*

Ele o deslizou por cima da mesa.

– Tenho que ler? – perguntou LaPorta.

– Só se quiser respostas.

O detetive folheou as páginas escritas à mão.

– O que é isso? – murmurou.

O suspeito quase sorriu.

– Uma história de amor.

O CADERNO DE CAPA DURA

Chefe

Como posso começar? Digo que estou morrendo? Suspeito que você já saiba disso. Uns dias atrás, você entrou na casa da praia e me encontrou no chão perto do cesto de roupa suja, com a perna esquerda estendida e a cabeça apoiada no cotovelo, e perguntou:

– Alfie, o que você está fazendo?

E eu respondi:

– Procurando formiga.

Você sorriu, mas notei nos seus olhos uma preocupação genuína, e, enquanto você me ajudava a ficar de pé, havia uma delicadeza no seu toque, no jeito como seu braço passou embaixo do meu, como seus dedos se abriram nas minhas costas. Eu até poderia dizer que foi um abraço carinhoso, mas não foi bem assim. Por isso resolvi abrir o jogo.

Não tenho medo de morrer, chefe. Sei que você diz para eu não usar essa palavra, “chefe”, mas, bom, é você que paga o meu salário, e eu sou das antigas. De qualquer forma, não tenho medo. Escapei da morte muitas vezes. Parece exagero, mas não é.

Na minha longa vida – e ela é muito mais longa do que qualquer um possa imaginar –, já saltei de uma montanha na Espanha, mergulhei num tanque de tubarões na Austrália, vi um trem se aproximar enquanto eu estava parado nos trilhos de

algum lugar da China e até levei um tiro durante um assalto a banco no México.

Fiz a maioria dessas coisas para ver como era, para sentir o hálito de Deus, do diabo ou do que quer que me espere quando essa vida acabar. Não era coragem. Eu sabia que sobreviveria. Sei que você não vai acreditar como eu sabia, chefe, mas, por favor, tente, porque esperei muito tempo para lhe contar.

Lá vai.

Eu posso fazer tudo duas vezes.

Sério. Tenho sempre uma segunda chance. Um recomeço. Um reinício. Como você quiser chamar. É um dom. Um poder. Não existe explicação. Enquanto todas as pessoas no mundo precisam sofrer as consequências dos próprios atos, eu posso tentar de novo. Não quantas vezes quiser. Não posso ficar errando e tentando consertar. Não posso fazer a mesma prova cem vezes.

Duas chances. Eu tenho só duas chances. E preciso viver com as consequências da segunda tentativa. Não existe volta. Com os anos, descobri que esse é o preço que pago pelo meu dom.

E eu paguei o preço em amor.

Tive um grande amor, chefe. Uma mulher que me transformou na minha melhor versão. Mas cometi um erro grave e *não pude* voltar atrás para consertar. Ter duas chances de realizar um desejo do coração pode ser uma armadilha...

NASSAU

LaPorta parou de ler e encarou o homem sentado à sua frente.

– Você está curtindo com a minha cara, não é?

– Como assim?

– Quer mesmo que eu acredite que você pode voltar no tempo e corrigir as coisas?

– Basta eu querer.

LaPorta deu um risinho.

– Duvido que isso se sustente no tribunal.

– É a verdade.

– Quem é o seu chefe?

– Não importa.

– Importa, sim, se ele ajudou a planejar os seus crimes.

– Meu chefe é uma mulher. E ela não fez isso.

LaPorta coçou a sobrancelha.

– Você está mesmo morrendo?

O homem assentiu.

– De quê?

– Faz diferença? É neurológico.

– Sinto muito. – LaPorta se recostou na cadeira. – Se eu estivesse morrendo, com certeza não escreveria um texto de despedida para o meu *chefe*.

– Continue lendo – pediu o homem.

- Você quer mesmo que isso seja o seu álibi?
 - O senhor que perguntou.
 - É por causa da... como é mesmo o nome dela? Gianna Rule?
- O homem desviou o olhar.
- Bom, vamos voltar à leitura – declarou LaPorta. – Mas de agora em diante... – Ele deslizou o caderno por cima da mesa. –
Você lê. Em voz alta. – E acrescentou, quase zombando: – *Alfie.*

O CADERNO DE CAPA DURA

Certo, chefe. Presumindo que você ainda não tenha jogado fora este caderno, descartando-o como as palavras desconexas de um antigo empregado/amigo para quem o tempo passou e cuja mente ficou meio desarranjada, vou contar como fiquei sabendo do meu poder especial. Foi por acaso, na infância.

Era um sábado de manhã em 1966. Eu tinha 8 anos e morava com os meus pais no Quênia, numa pequena aldeia ao norte de Mombaça. Eles eram missionários. Novos. Com 30 e poucos anos tinham ouvido o chamado para espalhar a palavra do Senhor. Pelo menos minha mãe tinha ouvido. Meu pai a acompanhou obedientemente, talvez esperando que o Espírito Santo o acolhesse no aeroporto.

Fazia um ano que estávamos na África, morando numa cabana com teto de palha e uma privada cuja descarga era acionada por uma cordinha. Antes disso, tínhamos morado nos arredores da Filadélfia, e eu sentia uma falta tremenda de lá. Odiava o sol implacável daquele novo continente. Não havia televisão, e eu não tinha nada para fazer. Minha mãe descobriu um piano velho na igreja da aldeia e me ensinou um número suficiente de acordes para tocar alguns hinos. Num domingo, ela juntou as crianças num círculo e me fez cantar “Mais perto de vós, meu Deus”. Todos riram da minha voz. Tive vontade de sumir.

Durante o período em que morei no Quênia, fiz duas amizades: com uma menina e com uma elefanta chamada Lallu. A elefanta era de um fazendeiro próximo, que a usava para puxar arados. Aos sábados ele deixava Lallu descansar e eu podia brincar com ela. Lallu enrolava a tromba em volta do meu corpo e me levantava. No começo fiquei com medo, mas depois de um tempo esse gesto parecia estranhamente protetor.

Lallu foi a responsável por minha segunda amizade – com uma garota magricela, que tinha olhos verdes penetrantes e cabelo escuro cortado em cuia. A mãe dela era das Filipinas, mas o pai era americano. Tinha sido transferido para o Quênia por causa do seu trabalho na fábrica de alimentos Del Monte e, aos sábados, levava a filha para brincar com Lallu também.

Cada um esperava sua vez para ser levantado. Mas éramos impacientes. Sabe como são as crianças. Uma vez, enquanto brigávamos por quem seria o próximo, a elefanta pegou nós dois ao mesmo tempo. Eu me lembro do corpinho da garota espremido contra o meu, ombro a ombro. Nossas bochechas se tocaram e gritamos: “Uooooou!” Quando Lallu nos devolveu ao chão, começamos a rir tanto que não conseguíamos parar.

Foi a primeira vez que ela me disse seu nome: Princesa. Eu rebati que Princesa não era um nome. Ela explicou que todos da família a chamavam assim. Então eu aceitei.

Na semana seguinte, Princesa me trouxe uns doces vermelhos de *mabuyu*, feitos a partir de sementes do baobá. Levei para ela um coco fatiado. Ela então me trouxe um livro sobre borboletas e o leu em voz alta à sombra de uma árvore. Mais tarde demos as mãos quando Lallu nos levantou. Daí em diante, fazíamos isso todas as vezes.

Quando você é solitário e de repente encontra um amigo, isso preenche o seu mundo. Ainda que eu só tivesse 8 anos, o tempo

que passava com Princesa parecia ter algo mais do que apenas companheirismo. Devia ser um amor infantil. Os sábados passaram a ser a única coisa que eu esperava ansiosamente.

Na última vez que vi Princesa, Lallu espirrou água em nós dois, e precisamos trocar de roupa no meio das árvores. Espiei suas costas nuas enquanto ela vestia uma camisa emprestada. Ela se virou, me pegou olhando e sorriu.

– A gente devia construir uma casa aqui um dia, Alfie, perto do mar. E aí a gente podia casar e a Lallu podia morar com a gente. Topa?

– Topo – respondi.

Ela sorriu. Eu sorri de volta. Senti o sol da tarde secando minha pele. É a melhor lembrança que tenho da África.

Então veio a pior.



Quase um ano depois de chegarmos, minha mãe ficou doente devido a uma picada de inseto e precisou correr até o hospital, onde ficou internada por várias semanas. Quando ela voltou para casa, estava magra e fraca, mas considereei seu retorno um sinal de melhora.

Nos Estados Unidos, eu gostava de ler revistas em quadrinhos e, antes de nos mudarmos para o Quênia, tinha pedido ao meu pai uma fantasia do Super-Homem. Assim, agora toda noite eu dormia com a capa vermelha. Acho que era um jeito de me lembrar de casa.

Quando acordei naquele sábado, corri até o espelho com minha capa vermelha por cima da camiseta branca e pus as mãos na cintura enquanto flexionava os poucos músculos que tinha.

– O que você está fazendo?

Meu pai estava na porta. Baixei os braços.

– Nada.

– Vá ficar com a sua mãe.

– Por quê?

– Vá logo.

– Por quê?

– Porque estou mandando.

– Mas eu ainda nem tomei o café.

– Me obedeça. Vou buscar o remédio dela.

– Posso ir buscar?

– Não.

– Eu ainda vou brincar com a Lallu mais tarde, não vou?

– Veremos. Agora vá ficar com a sua mãe. Rápido.

Fui arrastando os pés pelo pequeno corredor até que ouvi a porta da frente se fechar. Espiei dentro do quarto dos meus pais. Minha mãe estava na cama, deitada de olhos fechados sob o mosquitoireiro branco. Fiquei parado ouvindo sua respiração. Disse a mim mesmo que, se ela não se mexesse dentro de um minuto, eu não deveria acordá-la, daí poderia brincar lá fora.

Um minuto se passou. Saí pela porta e corri até o campo de futebol, que na verdade era só uma grande área de terra batida. Estava vazio, por isso corri de uma ponta a outra, pulando a cada cinco passos, a capa esvoaçando às minhas costas, como se pudesse sair voando.

O sol brilhava e a brisa era suave. Após muitas decolagens fracassadas, me deitei num trecho de capim *kikuyu* ali perto e fiquei olhando as longas nuvens brancas. Depois de um tempo, caí no sono.

Ao acordar, saí perambulando pela aldeia. Atraí alguns olhares. A capa vermelha não era muito discreta. Passei pela igreja onde meus pais trabalhavam e avistei o pastor, com o terno de

tweed cobrindo o colarinho clerical. Estava cuidando de uma cabra. Acenei. Ele acenou de volta. A cabra baliu. Era quase meio-dia.

Voltei para casa sob um calor sufocante, ouvindo o barulho dos meus tênis esmagando a terra cheia de cascalho. Vi um jipe verde parado na frente da nossa cabana. Quando entrei, escutei alguns murmúrios antes de meu pai gritar:

– Alfie? É você? Alfie, não entre aqui!

De repente ele estava à minha frente, tendo fechado a porta do quarto atrás de si.

– Aonde você foi?

Sua voz estava trêmula.

– A mamãe estava dormindo, por isso eu saí.

– Você saiu? – Ele mordeu os nós dos dedos. – Você *saiu*?

Eu me lembro do olhar furioso dele, como se aquela fosse a coisa mais cruel que eu pudesse ter dito. Não entendi. O que eu tinha feito? Só quando vi um médico sair do quarto é que tive a sensação de que algo terrível tinha acabado de acontecer. E que, por estar brincando de Super-Homem num campo de futebol, eu tinha perdido tudo.



Minha mãe morreu enquanto eu tentava voar. Embolia pulmonar. Pelo que me disseram, ela “não sofreu”, morreu bem rápido. Fiquei me perguntando como eles sabiam disso se não havia ninguém por perto. Eu me lembro de estar sentado na minha cama naquela noite, soluçando a ponto de engasgar. No corredor ouvi meu pai aumentar o volume do rádio, deixá-lo alto de verdade, depois soltar um grito terrível, como um urso com a pata presa numa armadilha.

Antes de ir dormir, joguei minha capa vermelha pela janela do quarto. Vi o vento arrastá-la pelo chão de terra. Voltei para a cama desejando que aquele dia não tivesse acontecido, odiando o Quênia, odiando o Super-Homem, odiando a mim mesmo e sentindo falta da minha mãe em cada molécula de ar quente que o ventilador de plástico movimentava no quarto. Eu dava tapas no meu corpo, murmurando:

– Idiota, idiota.

Começou uma tempestade e dormi com o som da chuva.



Quando acordei no dia seguinte, a capa vermelha estava enrolada em mim outra vez. Meus olhos estavam turvos. Ouvi os pés pesados do meu pai entrando no quarto.

– O que você está fazendo?

– Nada.

– Vá ficar com a sua mãe.

– Por quê?

– Vá logo.

Engoli em seco.

– Por quê?

– Me obedeça. Vou buscar o remédio dela.

Sei que parece impossível, chefe. Mas foi isso que aconteceu e eu aceitei, como a gente aceita um sonho, mesmo que no sonho a gente vá a um lugar aonde não quer ir. Fui até o quarto da minha mãe. Quando finalmente espiei lá dentro, ela estava dormindo sob o mosquiteiro, viva, como no dia anterior.

Se eu fosse mais velho, talvez saísse correndo e gritando. Mas, como tinha 8 anos, só queria estar com ela mais uma vez, por mais que isso parecesse improvável. Por isso fiquei ali, paralisado,

até que minha mãe abriu os olhos e me viu. Então ela sorriu e sussurrou, a voz rouca:

– Oi, Super-Homem.

Devo ter me encolhido, porque ela me perguntou:

– O que foi, Alfie?

Não consegui responder. Minha respiração saía entrecortada.

– Alfie?

– Mãe...? – sussurrei.

– Ah, não. – A expressão dela mudou. – Essa não é a primeira vez, Alfie?

– Hã-hã.

– E quando você esteve aqui aconteceu uma coisa ruim?

– Aconteceu.

– Eu morri?

Assenti.

– E você viu?

– Não... eu... eu fui... – Comecei a chorar. – Desculpa, mamãe.

Ela respirou fundo. Sua voz ficou mais alta:

– Então não temos muito tempo, querido. Escuta... – Ela afastou o mosquiteiro, se aproximou de mim e segurou meu rosto com as mãos. – Essa é uma coisa que você vai poder fazer pelo resto da vida. Ter segundas chances. Entende?

Neguei com a cabeça.

– É um dom. Um poder. Algumas pessoas da nossa família têm esse mesmo dom e você é abençoado por ser uma delas. Mas isso não vai consertar tudo, Alfie. Nem sempre a segunda vez vai ser melhor do que a primeira.

Ela apertou minha mão.

– Não tente mudar tudo, está bem? Não tente corrigir cada erro. Não se aproveite das pessoas. Não use o seu poder para ganhar dinheiro. Tenha cuidado. Ouviu, Alfie? Você está me ouvindo?

Era como se eu estivesse sufocando.

– Mãe – falei bruscamente –, a senhora vai morrer de novo?

Ela mordeu o lábio, depois deu um tapinha na beira da cama.

– Agora senta aqui, querido – disse, forçando um sorriso. –
Deixa eu te dizer tudo que amo em você.



Bom, caso esteja se perguntando, chefe, minha mãe morreu mesmo naquela manhã, dessa vez na minha frente, depois de listar as coisas que ela amava no seu único filho. Eu a vi segurar o braço, gemer e tombar a cabeça para trás. Quando meu pai voltou, me encontrou chorando encostado na cama, atrás do mosquiteiro.

Foi então que fiquei sabendo dos limites do meu “dom”: não posso impedir alguém de morrer. Se o tempo de alguém acabou, acabou. Posso voltar para os momentos anteriores à morte, posso vivenciar aquela situação de maneira diferente, mas não posso fazer nada para impedir a morte.

Será que foi melhor reviver a partida da minha mãe? Não sei. Na primeira vez, saí de casa e quando voltei ela já tinha partido para sempre. Na segunda, estive presente enquanto ela deixava este mundo.

NASSAU

Alfie levantou os olhos. LaPorta o encarava.

– Você tem uma tremenda imaginação. Devo admitir.

– Nada disso é imaginado.

– Claro, claro.

LaPorta se balançou lentamente na cadeira.

– Que nome estranho é Alfie. A gente não ouve com frequência.

– É.

– No seu passaporte está escrito Alfred.

– É o nome do meu avô paterno. Minha mãe disse que parecia o nome de um lorde inglês. Ela começou a me chamar de Alfie por causa daquela música.

– Que música?

– Dos anos 1960. “What’s It All About, Alfie?”

– Ah, sei.

– Se eu ganhasse 1 dólar a cada vez que cantaram isso para mim...

– Você teria tanto dinheiro quanto o que roubou?

Alfie sorriu.

– Eu não roubei nada.

– É mesmo? Você não perdeu tempo ao transferir o que ganhou para uma mulher, e nós pegamos você no dia seguinte numa agência de viagens, comprando passagens para um país da África.

– E?

– E isso parece coisa de alguém que está tentando fugir e se esconder de alguma coisa.

– As passagens não eram para mim.

– Para quem eram, então?

– Se o senhor me deixar terminar de ler..

– Seu caderninho. Eu sei.

LaPorta olhou o celular. Não havia nenhuma mensagem da polícia das Bahamas. Suspirou. Nas ilhas, as coisas demoravam uma eternidade.

– É de um filme, não é? – perguntou LaPorta. – A música?

– É. Um filme sobre um playboy que faz todas as mulheres se apaixonarem por ele, mas que acaba pagando caro por isso.

– E você é assim? Um playboy?

– Não. Sou só o cara que pagou caro.

– Bom, não dou a mínima. E aí? Quando é que a gente chega na parte do golpe da roleta?

– Eu já disse. Faz parte da história.

LaPorta batucou com os dedos na mesa.

– Então vamos lá, playboy. Continue lendo.

O CADERNO DE CAPA DURA

Meu pai e eu voltamos para os Estados Unidos, para o nosso antigo bairro da Filadélfia. Minha mãe foi enterrada a alguns quilômetros dali, num cemitério perto da rodovia. Eu me lembro do ruído constante do tráfego enquanto baixavam o caixão. Parecia um desrespeito tremendo, as pessoas passando de carro, indo trabalhar, escutando o rádio. Tapei os ouvidos e não escutei a maior parte do que o pastor falava.

Depois de todo mundo ir embora, fiquei ali com meu pai, olhando a sepultura.

- Por que eles jogam terra em cima? - perguntei.
- É assim que tem que ser feito, Alfie.
- A mamãe não gostava de terra.
- É, não gostava.
- Pai...
- Oi.
- A gente deve limpar?

Meu pai apertou meu ombro. O vento soprava. Acho que foi naquele momento que me dei conta de que seríamos apenas ele e eu dali em diante.



Fomos morar numa casinha estilo colonial, e comecei a usar mangas compridas de novo. Via TV. Comia biscoitos. Tudo que vivi no Quênia parecia um sonho. Alguém na nossa igreja ofereceu ao meu pai o velho piano Baldwin que minha mãe tocava, e ele o pôs no porão. Eu passava muito tempo lá embaixo, tentando me lembrar dos hinos que ela havia me ensinado.

Demorei um tempo para fazer minha “mágica” de novo. A segunda morte da minha mãe era uma lembrança incômoda e eu não tinha pressa de passar por algo assim de novo. Não tinha contado a ninguém, nem ao meu pai. Parte de mim duvidava de que aquilo havia acontecido de verdade.

Então, alguns meses depois de voltarmos do Quênia, aconteceu mais uma vez. Foi na saída da escola com meus colegas do bairro, Stewie, Sandy e Paul. Era uma tarde cinzenta e caía uma chuva fria. Passamos por uma casinha precária, com persianas marrons desbotadas e uma camada lamacenta de folhas mortas cobrindo o gramado.

– A casa da bruxa – murmurou Sandy.

Nós a chamávamos assim porque de vez em quando as crianças do bairro viam uma mulher de cabelos brancos e encurvada olhando pela frágil porta de tela. Segundo a lenda, num Halloween ela havia puxado para dentro da casa um garoto que tinha ido pedir doces. Depois de sair, ele nunca mais fora o mesmo. Não faço ideia se essa história é verdadeira. Éramos apenas crianças.

De repente, Stewie disse:

– Alfie, aposto que você não tem coragem de bater na porta dela.

Os outros concordaram.

– É, Alfie!

– Faz isso!

– Não fica com medo, Alfie!

– Anda!

Desviei o olhar. A morte da minha mãe tinha baqueado minha confiança. Eu não me relacionava direito com as pessoas, especialmente com vizinhos que sussurravam: “Eles não deveriam ter ido para o Quênia.” Sentia uma falta enorme da minha mãe, das nossas longas conversas enquanto comíamos biscoito com pasta de amendoim na cozinha, dela bagunçando meu cabelo depois de me dar um beijo de boa-noite.

Sem ela, nossa casa era insuportavelmente silenciosa. À noite, meu pai assistia à TV em preto e branco e eu ficava deitado no sofá cobrindo os olhos com as costas das mãos. Às vezes meu coração disparava e eu tinha dificuldade para respirar. Tossia e engasgava. Meu pai perguntava qual era o problema, mas eu não sabia. Só queria parar de sentir medo o tempo todo, de me preocupar com a possibilidade de acontecer outra coisa ruim.

Naquele dia, na casa da bruxa, a situação chegou ao limite. Eu estava cansado de me sentir assim e não queria que meus colegas me chamassem de covarde. Por isso topei o desafio e caminhei lentamente em direção à porta. Parei a uma distância segura, não queria ser agarrado se a bruxa brotasse do nada.

– Rápido, antes que ela te veja! – gritou Stewie.

– Ou te mate – acrescentou Sandy.

Eles riram. Logo perdi a coragem. *Por que tinha aceitado fazer aquilo?* Me inclinei para a frente. Meu corpo inteiro tremia. Estiquei a mão em direção à porta, fechei os olhos com força e dei a primeira batida. Uma vez.

E saí correndo.

Corri o mais rápido que pude, saltando por cima das poças na rua. Lágrimas escorriam pelo meu rosto. Na minha cabeça, eu via o rosto da minha mãe deitada no leito de morte, me olhando como se eu fosse patético. A distância, ouvia as risadas dos meus três amigos. Stewie gritava:

– Não tem ninguém em casa, seu idiota!

Mas era tarde demais. Eu tinha mostrado quem era de fato: um covarde.

Naquela noite não consegui dormir. Morria de medo de encarar aqueles garotos de novo. Queria tanto desfazer o que tinha acontecido na casa da bruxa que, pela primeira vez, pensei nas palavras da minha mãe: “Essa é uma coisa que você vai poder fazer pelo resto da vida. Ter segundas chances.” Se era verdade, eu estava pronto para tentar.

Repeti o que fiz na noite em que minha mãe morreu. Desejei que aquele dia jamais tivesse acontecido. Dei tapas nas coxas. Até murmurei “idiota, idiota”, caso precisasse fazer tudo igualzinho à vez anterior.

Quando acordei no dia seguinte, o tempo frio e chuvoso era igual ao do dia anterior. Ao chegar à escola, os garotos usavam as mesmas roupas e nenhum deles comentou sobre o incidente na casa da bruxa. Na aula, lemos as mesmas páginas do livro de história e fizemos a mesma prova.

Fiquei incrédulo. Tudo estava se repetindo. Passei o dia todo espantado, sabendo exatamente o que ia acontecer e vendo todos os desdobramentos.

Como antes, voltamos caminhando para casa, até o momento em que Sandy murmurou:

– A casa da bruxa.

E foi então que mudei a história.

– Vamos ver se ela está lá dentro – disparei.

Os outros me olharam boquiabertos.

– Qual é o problema? Estão com medo? – perguntei.

– De jeito nenhum – respondeu Paul.

– Nã-nã-não – disse Sandy.

– Aposto que você não vai – declarou Stewie, cruzando os braços.

Encarei-o enquanto a raiva e a empolgação se misturavam em mim.

– Fica olhando – falei.

Fica olhando? Eu nunca tinha pronunciado aquelas palavras. Eu era o tipo de garoto que não queria ser visto pelos outros. *Fica olhando?* Caminhei a passos firmes até a porta.

– Ainda quer apostar? – perguntei, olhando para trás.

– Você não vai fazer isso – insistiu Stewie.

Respirei fundo, firmei os pés no chão e bati na porta com força. Depois bati de novo. Sabendo que ela não estava em casa, olhei para meus amigos incrédulos e gritei:

– Aparece, bruxa! Mostra sua cara feia.

Foi o suficiente. Sandy, Stewie e Paul dispararam pela rua, como eu tinha feito no dia anterior. Enquanto os observava correr, fui tomado por uma sensação nova, que moldaria minha vida dali em diante. Saber o que iria acontecer era mais do que um poder especial. Era como ser um deus.

E foi assim que me senti.



Bom, chefe, neste ponto é provável que você tenha perguntas, daquelas que sempre surgem com as histórias de viagem no tempo. O que acontece se você pisar numa borboleta ou coisa do tipo. Deixe-me esclarecer logo algumas coisas. Não sou um herói de histórias em quadrinhos. Não posso estalar os dedos e fazer uma visita aos dinossauros ou me teletransportar para o *Titanic*.

A não ser que o episódio tenha acontecido comigo, não tenho como revisitá-lo. Posso escolher qualquer momento da minha vida e mudá-lo apenas uma vez. Depois disso, fico preso às consequências dessa nova versão.

Na verdade, sou mais um duplicador, alguém que remodela a própria existência. Se eu e você conversamos, posso mudar essa experiência e você não vai ter lembrança desse nosso encontro.

Mas eu vou.

Esse é o preço que pago.

CONHEÇA OS TÍTULOS DE MITCH ALBOM

FICÇÃO

As cinco pessoas que você encontra no céu
A próxima pessoa que você encontra no céu

As cordas mágicas

O primeiro telefonema do céu

O guardião do tempo

Por mais um dia

O estranho que veio do mar

O pequeno mentiroso

Pela segunda vez

NÃO FICÇÃO

A última grande lição

Tenha um pouco de fé

Um milagre chamado Chika

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Sextante,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

sextante.com.br

